



Escola Britânica de Artes Criativas, na Vila Madalena, zona oeste de SP



Gabriel Lavaro, que faz o ensino médio na rede pública e o técnico, na particular

FOCO Novo colégio dará certificação nas áreas de tecnologia e artes

DE SÃO PAULO

Inaugurada neste ano na Vila Madalena, zona oeste de São Paulo, a EBAC (Escola Britânica de Artes Criativas) apostou em cursos com certificação de técnico de nível médio em três dos seis cursos de estreia. A partir de 2017, abrirá graduações em inglês. “A gente achava um risco

abrir a escola com cursos livres só com certificado, por isso fomos atrás do técnico”, diz o diretor, Maurício Tortosa. “A iniciativa privada precisa dialogar com o Estado. O país tem de fazer um outro tipo de marketing para o técnico, mostrar que os alunos compraram qualidade.” Todas as opções da escola envolvem tecnologia e cria-

ção. Com apoio da família, o estudante Gabriel Tavolaro, 16, vai pagar R\$ 1.900 mensais em um curso técnico de animação para vídeo. Tavolaro é apaixonado pelo tema desde criança. Para cursar o que queria, transferiu as aulas do médio normal de uma escola particular para uma pública noturna. “Estou acreditando no meu potencial”, diz ele, que se inspirou na irmã, ex-estudante do técnico em moda. “A parte do curso técnico foi um incentivo a mais, pois já dá oportunidade de trabalhar.”

Sem bolsa, alunos deixam rede particular

Escolas enfrentam redução drástica no total de matrículas e temem o fim do Pronatec, programa que sofreu corte de verbas

BRUNO BENEVIDES
PAULO SALDAÑA
DE SÃO PAULO

O número de matrículas nas escolas particulares de ensino técnico caiu em 2015 depois de oito anos consecutivos de alta.

A queda teve impacto no total geral de alunos no segmento e deixou um clima de “ressaca” nas escolas, segundo representantes do setor. Eles apontam os cortes no Pronatec como principais responsáveis pelo problema.

O programa do governo federal, criado em 2011, tinha como objetivo ampliar a formação profissional no país e acumulou até este ano mais de 9 milhões de matrículas.

Uma de suas prioridades era distribuir bolsas para alunos da rede privada. Com o incentivo, escolas ampliaram

as vagas. Agora, porém, o cenário mudou.

Isso afetou inclusive a demanda tradicional dos alunos que estudavam sem bolsa, segundo Claudio Filho, presidente da ANEET (Associação Nacional das Escolas de Ensino Técnico). “Os alunos não querem mais pagar o curso, querem aguardar o Pronatec. O setor virou refém do programa.”

Bruno Eizerik, presidente do Sinepe-RS (Sindicato do Ensino Privado do Rio Grande do Sul), concorda.

“A população se acostumou, pensou ‘eu não vou pagar curso técnico, vou fazer o curso subsidiado pelo governo’”, afirma.

Para ele, a iniciativa gerou uma “superdependência” no setor. “Diversas escolas fecharam as portas porque fizeram investimento, se pre-

pararam para receber mais alunos e o programa foi abandonado”, completa.

‘ARTIFICIAL’

Em 2014, a quantidade de bolsas do Pronatec (oficialmente sigla de Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego) chegou a quase 2 milhões.

O número caiu para cerca de 295 mil vagas no ano passado. Em 2016, até abril foram 2.200 vagas.

“As escolas vivem um momento de ressaca. Houve um crescimento artificial, com um grande fluxo de alunos e de investimentos, e agora as coisas vão ter que voltar a seu lugar”, diz Eizerik.

FUTURO

Segundo Claudio Filho, a expectativa do setor é que o programa acabe em 2016. O

MEC (Ministério da Educação) nega a informação.

O ministro Mendonça Filho (DEM) promete uma nova versão do Pronatec, mas não dá detalhes e evita falar em metas e números para o programa. O argumento é que o MEC ainda trabalha para equacionar atrasos com escolas e com o sistema S.

“Vamos relançá-lo com bases sólidas, sustentáveis, para que funcione sem altos e baixos”, diz o ministro, ao responsabilizar a gestão Dilma Rousseff pela crise.

Já Aloizio Mercadante (PT), que chefiou o ministério no governo Dilma, culpa o sucessor: “Michel Temer e Mendonça Filho tomaram a decisão de acabar com o Pronatec. Essa opção política representa um corte de 2 milhões de matrículas em 2016”, afirma ele.

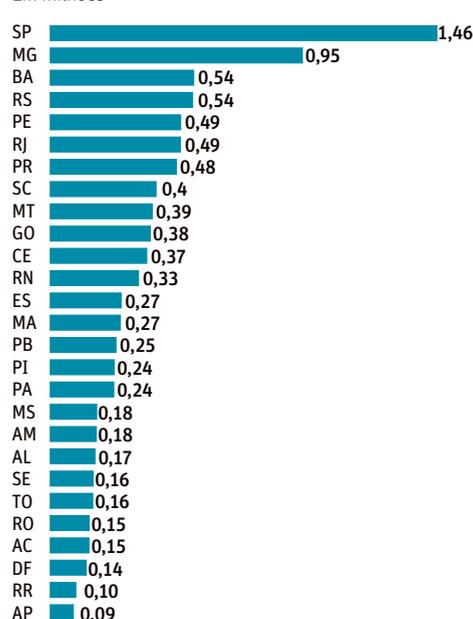
QUEDA LIVRE

REDUÇÃO NO ORÇAMENTO DO PRONATEC*
Em R\$ bilhões



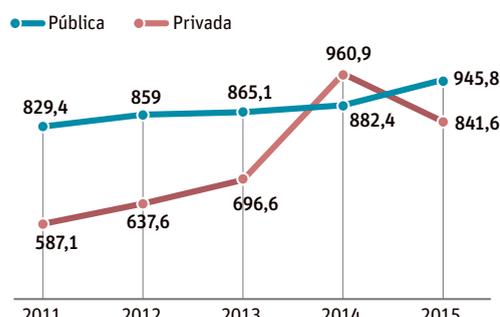
MATRÍCULAS POR ESTADO (2011/ 2016)

Em milhões



MATRÍCULAS POR REDE (2011/2015)

Em mil***



*Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
**Inclui matrículas em nível médio e cursos de qualificação, com carga horária menor
***Inclui matrículas nas modalidades integrada, concomitante, normal-magistério e subsequente.



MARCOS PONTES, 53

Curso facilitou o meu aprendizado teórico na universidade

Meu sonho sempre foi ser astronauta e desde cedo eu tinha interesse em ciência e tecnologia. Por isso, decidi, logo após concluir o ensino fundamental, fazer dois cursos técnicos: elétrica no Senai e eletrônica no Liceu. Na sequência, passei no vestibular da Academia da Força Aérea (AFA) e consegui ser piloto de combate. Depois, conquistei o espaço. O curso técnico me ajudou bastante. Eles dão uma ótima introdução de escolha de carreira e facilitam o aprendizado teórico na universidade. É mais fácil aprender a teoria quando você já sabe fazer na prática. Vale lembrar que a minha primeira função no espaço foi a manutenção e a montagem de sistemas.